

11/11/2021

Página 02

Opinião

*Os artigos publicados nesta página são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião do Diário de Pernambuco.



Marcus Prado*

opinioao.pe@diariodepernambuco.com.br

O tempo como horizonte em Maximiano Campos

Quando o poeta e professor luso-pernambucano José Rodrigues de Paiva (UFPE) decidiu fundar a revista *Encontro*, do Gabinete Português de Leitura, teve a boa inspiração de escolher dois autores representativos para o número inaugural (junho de 1983), que se esgotaria em menos de um ano: Augustina Bessa-Luis, de reconhecida importância no panorama literário de Portugal, autora de premiados livros dentro e fora do seu país, e o pernambucano Maximiano Campos, que já tinha lançado em edição nacional o famoso *Sem lei nem rei*, transposto para a música por Capiba, com um longo prefácio consagrado de Ariano Suassuna, através do qual analisa as qualidades de sua obra. Dele, nessa época, já se conhecia o sucesso da coletânea de contos e novelas *As emboscadas da sorte*, *As sementes do tempo*, *A loucura imaginosa*, *O Major Façanha*, *Memória revoltada*, *Lavrador do tempo*, *Do amor e outras loucuras*, *Os cassacos*. A revista tinha por propósito uma voz para ser ouvida e uma escrita que registrasse, "no presente e no futuro, a sua presença no

mundo" (...) Colocando-se acima das distâncias geográficas e das diferenças cronológicas. O texto de Augustina foi sobre *A linguagem como sentido de proximidade*, e o de Maximiano foi o conto *O tempo e a realidade*, escrito em 1976, me parece quando ele viveu com a família um período pleno de experiências num sítio rural, na Zona da Mata pernambucana, de onde sairia com numerosos inéditos. Escolhas acertadas do editor de *Encontro*, como quem desejava abrir um novo período editorial com a garantia de um padrão de qualidade. Depois de cinco anos houve um adiamento da publicação, que perdura até os nossos dias com as mudanças internas na instituição patrocinadora.

Detenho-me no texto de Maximiano, denunciador de uma pujante originalidade não só temática, como técnica, o reencontro dele com o cenário bucólico do ambiente rural tão familiar nos seus escritos, uma narrativa marcada pelo gesto novo que não se confunde com o regionalismo típico da segunda fase do modernismo brasileiro e nordestino, que se refle-

te nas similaridades de características adquiridas, nos conflitos, nos antagonismos. Não é um bater de asas na escuridão, é uma descoberta de coisas, pessoas e lugares simbolizados.

A presença feminina e suas ansiedades de amor não só epidérmico, resurgente na sua obra poética, sublinhando-lhe mais ainda o límpido erotismo, quando autor descreve cenas de abraços íntimos, a alquimia do êxtase, é quando a sua ficção se contrapõe à superficialidade mediocre, indigente e à banalidade vulgar dos best-sellers de nossa época.

O tempo, o começo da regressão infinita, neste conto e na obra de ficção de Maximiano, na sua poesia, é uma marca a assinalar, reflexo da sua visão íntima do mundo. Pergunte-se a qualquer leitor atento da obra de Maximiano se o tempo, a memória, não está intimamente presente de forma subjetiva, daí outra vertente de interesse. Até quando ele busca um título para os seus livros. O tempo, em sua completa exterioridade, a esfera que abrange tudo, para os pitagóricos, é inseparável da obra de Maximiano. Tu-

do isso vale para ilustrar a necessidade desse autor continuar sendo lido e devidamente sendo objeto de estudos aprofundados nos meios acadêmicos, por sua atualidade e beleza interior. Neste conto, o tempo, a ordem mensurável do movimento, é móvel, e se é móvel, reflete a imagem que tem a capacidade de durar por si mesmo. Exprime o ser em busca da realização de si mesmo, pelejando por transformar em ato o que inicialmente se manifesta nele como vontade. Assim se dirá que Maximiano apropria-se de uma linguagem, de um cenário, que não é de modo algum vinculado à geração que o antecedeu. Esse conto desempenha o papel de prólogo na obra de ficção de Maximiano, outro detalhe a assinalar. Quarenta e seis anos depois de sua publicação o tempo só faz confirmar as qualidades que devem ser descobertas, ainda mais, não só por mim, na narrativa de Maximiano. Se eu tivesse incumbência de fazer uma antologia desse autor, escolheria para abertura este conto. Nele, Maximiano leva a introspecção psicológica de seus figurantes a um ponto exemplar do fazer literário.

Nos seus 80 anos Maximiano Cam-

pos o
preci
com
mud
cora
tivar
nho
pelo
Ma
de Tu
nam
perir
ment
buc
buc
roma
do Re
(Rom
pe do
há de
dades
pleta
É aut
dos p
escri
lo da
o rom
rias e
roné
Pern

* Jo